

“... É INTERESSANTE QUE TENHA O REFERENCIAL MASCULINO E FEMININO”: Representações Acerca das Relações de Gênero Entre os Profissionais da Educação

Josiane Peres Gonçalves¹

RESUMO

As representações sociais predominantes na sociedade são de que as mulheres têm maiores condições para atuar profissionalmente na área da educação por se associar a imagem feminina com o papel de mãe educadora. Mas o que pensam os homens professores a este respeito? Para melhor entender essa realidade é que se justifica a realização do presente estudo que tem por objetivo investigar as representações sociais de homens professores sobre relações de gênero e presença masculina no magistério. A pesquisa de natureza qualitativa foi realizada, mediante a realização de entrevistas semiestruturadas, com cinco homens que tiveram experiência de atuar como docentes na educação básica e ensino superior. Os resultados indicam que normalmente os homens encontram dificuldade para trabalhar com crianças, especialmente porque as representações predominantes na sociedade, e incorporadas pela maioria dos docentes entrevistados, são de que as mulheres possuem habilidades específicas, relacionadas à maternidade, que favorecem o trabalho no magistério.

Palavras-chave: Homens Professores, Educação de crianças, Educação e gênero.

INTRODUÇÃO

A escola faz parte de um contexto que é histórico e social e mudanças ocorridas na sociedade influenciam a área da Educação. Se observarmos na atualidade, em turmas de educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, por exemplo, há uma grande quantidade de docentes do gênero feminino lecionando e poucos são os homens que atuam como professores de crianças. Mas será que sempre foi assim? Ou será que já houve momentos em que os homens se interessavam pela área do magistério?

Ao analisar essa questão, Araujo e Hammes (2012, p. 7) comentam que “[...] certas mudanças acontecidas na história da educação, aparecem, em um primeiro momento como educadores, apenas os homens”. Os autores se referem ao período em que no Brasil os membros da Companhia de Jesus é que ensinavam crianças, especialmente os meninos. Assim, o magistério era inicialmente uma profissão de homem para homem.

¹ Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora Permanente dos Programas de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Campus do Pantanal (UFMS/CPAN) e da Faculdade de Educação (UFMS/FAED). Líder Grupo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento, Gênero e Educação (GEPDGE), josiane.peres@ufms.br

Para Louro (2007), a escola que inicialmente era composta por homens que ensinavam meninos brancos e de classes econômicas elevadas, aos poucos foram obrigadas a aceitar outros grupos sociais, como meninos de outras etnias e também a entrada das meninas. Essas mudanças exigiram que a escola se modificasse para atender a essa nova demanda e foi nessa ampliação da escolarização que as mulheres tiveram maiores oportunidades para tornarem-se professoras.

A entrada das mulheres no magistério não foi tão tranquila, uma vez que muitos se questionavam sobre suas capacidades intelectuais femininas para atuar na vida acadêmica, especialmente com a educação de crianças. Porém, outros acreditavam que as mulheres tinham condições inatas para serem educadoras, porque em casa eram as principais responsáveis pela educação dos filhos. Nesse sentido, passou a predominar a ideia de que se as mulheres é que são as primeiras e naturais educadoras, por saberem cuidar de crianças. E se a vocação feminina seria a maternidade, o magistério se tornaria uma extensão do exercício materno. Assim, o magistério passou a ser associado com a ideia de amor e doação, sendo então necessário ter vocação para ensinar (LOURO, 2007).

Trata-se de representações sociais que permanecem até a atualidade e que justificam a predominância de mulheres no trabalho educativo desenvolvido com crianças. De acordo com Moscovici (1973), as representações sociais são entendidas como “[...] um sistema de valores, ideias e prática com uma dupla função [...] habilitando os indivíduos a se orientarem no mundo material e social e dominarem-no [...] e possibilitar a realização de comunicação entre os membros de uma comunidade” (p. 17). O autor acredita que geralmente são os pequenos grupos considerados mais desenvolvidos que influenciam e ditam as regras que vão ser seguidas por uma população.

Quanto às influências exercidas pelas representações sociais na vida das pessoas, Jodelet (1989) considera que “[...] as representações sociais são tão importantes na vida cotidiana [...] nos guiam na maneira de nomear e definir em conjunto os diferentes aspectos de nossa realidade cotidiana, na maneira de interpretá-los, estatuí-los e, se for o caso, de tomar uma posição a respeito e defendê-la” (p. 1).

Assim, é possível afirmar que as ideias relatadas por Hypólito (1997, p.55) de que “a proximidade das atividades do magistério com as exigidas para as funções de mãe” (p. 55) e ainda de que “as ‘habilidades’ femininas que permitem um desempenho mais eficaz de uma profissão que tem como função cuidar de crianças” se caracterizam como representações sociais que foram construídas culturalmente e que continuam presentes em diversas situações.

É o caso, por exemplo, de associar a profissão docente com vocação, como se o fato de ser mulher já seria suficiente para tornarem-se professoras. Mas existe um problema intrínseco a esse tipo de representação relacionado à formação profissional. Se o magistério é uma profissão, obrigatoriamente é preciso passar por um processo de formação para então iniciar a carreira profissional. Para Alves (2006), o magistério não pode ser considerado como sinônimo de vocação e o exercício docente deve estar relacionado com as competências e habilidades que são construídas no processo formativo e no exercício da profissão. Assim, torna-se irrelevante a questão de gênero, ou se os professores são mulheres ou homens, uma vez que o mais importante é a qualidade da formação profissional.

Além do mais, se fosse para considerar apenas as “habilidades” femininas para trabalhar com crianças, deveriam também ser consideradas as contribuições que os homens poderiam proporcionar ao âmbito escolar, ao optarem pela carreira do magistério. Ramos (2011) menciona que um dos fatores refere-se ao estreitamento da relação de uma criança que tem ausência masculina no âmbito familiar e o professor homem seria uma interação positiva e de caráter compensatório, uma vez que contribuiria para o desenvolvimento emocional da criança. Cabe salientar que a escola não visa apenas o ensino e aprendizagem de seus alunos, mas sim o desenvolvimento integral do ser humano e formação para a cidadania. Baseando-se nessa perspectiva, homens e mulheres têm condições de contribuir com o processo de desenvolvimento integral das crianças e prepará-lo para atuar como cidadãos na sociedade.

METODOLOGIA

Para o processo de coleta de dados, a pesquisa de natureza qualitativa foi priorizada por melhor atender ao propósito de investigar as representações sociais de homens professores sobre relações de gênero e presença masculina no magistério. O instrumento utilizado consistiu na gravação de entrevista semiestruturada, que posteriormente foram transcritas, sistematizadas e analisadas, resultando nos dados apresentados neste estudo. Para Duarte (2004), ao gravar as entrevistas é preciso extrair o que é subjetivo e pessoal dos sujeitos, para que seja possível perceber a dimensão do grupo social em que o indivíduo encontra-se inserido.

Os critérios para a escolha dos participantes foram: ser todos do gênero masculino; com idade acima de 35 anos; residir no interior do Estado do Paraná, Brasil; ter escolhido o magistério como principal profissão; ter trabalhado como professor da educação básica ao ensino superior; continuar no exercício do magistério, mesmo em caso de professores

aposentados. Diante desses critérios e considerando que existem poucos professores homens, principalmente nas etapas iniciais da educação básica, percebeu-se que cinco participantes seria um número adequado para atender aos objetivos da pesquisa.

Assim, os cinco professores homens entrevistados, cujos nomes foram substituídos por P1, P2, P3, P4 e P5, para manter em sigilo as suas identidades, tinham as idades de 38, 43, 45, 59 e 64 anos. Uma característica marcante entre eles refere-se ao curso de graduação com predominância para a área de Ciências Humanas e mais especificamente para o curso de Filosofia, já que três deles foram seminaristas, sendo este um fator decisivo para a escolha do curso superior e, conseqüentemente, para a escolha da profissão. Entre os cinco docentes, um era doutor, três eram mestres e um era especialista.

As entrevistas foram agendadas com antecedência e gravadas nas casas dos participantes ou em seus ambientes de trabalho, de acordo com o dia e horário marcado por eles. Os resultados da pesquisa, com respectivas análises, são apresentados na sequência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A questão do dom feminino para ser professora tem fundamento histórico, estando vinculada à ideia de que, para atuar no magistério, era preciso ter algumas características fundamentais, como: sentimento, dedicação, minúcia e paciência; sendo estas encontradas mais facilmente em mulheres.

De acordo com Louro (1997), historicamente a função docente foi associada às características femininas, consideradas inatas e um dom natural para ensinar, e, devido à própria natureza, a mulher teria maior inclinação no trato com as crianças, constituindo-se nas primeiras e naturais educadoras. Nesse contexto, a maternidade, que era considerada o destino primordial das mulheres, passa a ser associada à ideia de educação formal, como se esta última fosse uma forma extensiva da maternidade.

Estas ideias não fazem parte do passado, já que na atualidade muitas pessoas estabelecem relações entre o ato de educar materno e a educação formal existente nas escolas. Não foi diferente entre os professores entrevistados, que, em alguns momentos, comentaram sobre este “dom” das mulheres para ensinar.

O P5 relatou: “Elas tendem a ser mais malháveis, mais flexíveis, mais amorosas e acho que o dom que elas têm, um dom natural, da natureza de serem mães, faz com que elas também se relacionem melhor com as crianças e até com os adultos”. O professor enfatizou que esta é uma característica que os homens não possuem e que, portanto, as mulheres têm

condições de serem melhores educadoras. “Eu acho que as mulheres abarcam para si mesmo mais essa questão de ser mãezona, e por sentirem muito afeto por seus alunos, podem até segurar para elas como filhos, daí elas se doam mais”.

E vários momentos durante a entrevista, o referido professor falou sobre a própria mãe e, ao recordar dessa pessoa, que foi tão importante na sua vida, ficou emocionado e disse que muitas das aprendizagens que ele adquiriu, inclusive para atuar no magistério, foram obtidas através dos ensinamentos da mãe.

Outros dois professores que também explicitaram sobre esta relação que há entre a maternidade e a educação existente nas escolas foram o P1, que citou: “eu acredito que a mulher acaba, na maioria das vezes, trazendo muito o laço materno para a sala de aula”, e o P4, que disse: “outros aspectos é a educação na família - ela sempre teve historicamente um papel da mãe como educadora”. Neste último caso, o professor se referia ao fato de que, apesar das evoluções ocorridas no âmbito familiar, ainda na atualidade a educação dos filhos continua sob a responsabilidade maior das mulheres e na escola não é diferente. “Como na família, o pai atribui a educação e a cobrança à mãe [...] a mãe é que tem que dar conta da educação. ‘O que você faz que não educa os filhos?’ É a cobrança que se faz também.”

Podemos notar a questão dos papéis de gênero, construídos socialmente, que determina o que cabe ao homem ou à mulher fazer. No caso da educação dos filhos, a partir do século XVII passou-se a entender que era preciso cuidar melhor da criança, que, na sua fraqueza, deveria ser tanto protegida quanto ter a sua inocência preservada (CARVALHO, 2001).

Na atualidade ainda predomina a figura materna como sendo a principal educadora dos filhos e se atribui à mulher maiores condições para desenvolver o trabalho docente. Este quadro vem mudando gradativamente, passando a ser entendido que tanto o pai quanto a mãe têm responsabilidades na educação dos filhos. Talvez na escola esta perspectiva também mude, no sentido de perceber que os homens também possuem várias habilidades que são relevantes para a educação dos alunos, principalmente dos meninos.

É isto que evidencia o P3, ao mencionar que não concorda com o posicionamento de que as crianças gostam mais é da presença feminina e de que é a mulher que tem maiores habilidades para lidar com as crianças e para desenvolver o trabalho educativo escolar. “Muitas vezes me falavam: ‘Ah, mas a criança gosta da mulher!’ Não, eu não concordo, porque eu vivia com crianças a tiracolo, o tempo todo ao redor e quando eu trabalhava nas 5^o séries, normalmente estava cheio de crianças perto de mim também!”

Quanto às habilidades para ensinar, o P3 falou sobre algumas questões que, segundo ele, são próprias dos homens, e que favorecem a aprendizagem, principalmente dos meninos.

O próprio fato de o homem usar uma linguagem de futebol, de área, de comprimento, de largura... de uma forma um pouquinho mais significativa do que a mulher, porque a mulher, por hábito, ela não tem o costume de pegar o metro na mão e sair medindo o chão, medindo parede, e o homem já tem mais essa característica, ele tem mais facilidade de levar esse material pedagógico para sala de aula. Também a mulher fala mais no abstrato e o homem procura mais no concreto, principalmente se vamos falar na área da matemática. Então eu sinto que tudo vem somar realmente (P3).

Para o professor, a presença de homens no magistério representa uma soma ou uma contribuição a mais e algumas habilidades que são encontradas mais facilmente em homens contribuem com a aprendizagem dos alunos. Não se trata de desmerecer o trabalho feminino, mas de mostrar que os homens também possuem características importantes que podem facilitar o processo de ensino e aprendizagem. Esta ideia vem ao encontro do que diz Carvalho (2018):

Podemos afirmar que hoje, na prática escolar em nosso país, predomina uma visão maternal e feminina da docência no Curso Primário, colocando em relevo os aspectos formadores, relacionais, psicológicos, intuitivos e emocionais da profissão, frente àqueles aspectos socialmente identificados com a masculinidade, tais como a racionalidade, a impessoalidade, o profissionalismo, a técnica e o conhecimento científico (p. 5).

Evidencia-se que a intenção não é de estabelecer uma hierarquia de valor entre esses aspectos, por entender que todos eles são constitutivos do trabalho docente, mas considera que não há necessidade de priorizar somente aqueles aspectos que são predominantes em mulheres, por entender que os homens também possuem habilidades que são importantes para a formação pessoal e profissional dos estudantes.

Outro entrevistado que apontou outra habilidade feminina que contribui com o trabalho do magistério é o P2: “Eu entendo que a mulher tem uma característica de organização que geralmente é maior que a nossa, homem, para preencher o livro de chamada, diversos enfim, isso contribui...” Aqui não se trata da maternidade, mas de uma organização que se encontra associada às tarefas domésticas. Para Hypólito (1997), as chamadas “habilidades femininas” da dona de casa realmente costumam ser transferidas para a função docente.

Antes de refletir sobre as representações dos homens entrevistados no que diz respeito ao aumento da presença masculina no magistério, entendo que é importante destacar alguns posicionamentos diferenciados em relação à qualidade do trabalho educativo, desenvolvido por homens professores. No primeiro caso (P5), a afirmação é a de que, se se for comparar o

trabalho desenvolvido por homens e mulheres no magistério, com certeza as mulheres se sobressaem, ou são melhores educadoras.

Não quero menosprezar os homens aqui na educação – há professores fantásticos, maravilhosos, incríveis, mas acho que há mais professoras fantásticas, maravilhosas, por causa desta questão elas tendem a ser mais malháveis, mais flexíveis, mais amorosas [...] Eu posso falar que, entre os professores que tive, foram mais professoras excelentes. Também tive professores ótimos, excelentes, mas acho que o número foi bem maior de professoras fantásticas (P5).

Já o P3 considera que é necessário haver um equilíbrio maior entre as presenças masculinas e femininas atuando no magistério e, sendo matemático, faz algumas análises numéricas para explicar esta necessidade. “Eu vejo assim tem que ter o mais equilibrado possível, se a gente tivesse 50% de homens e 50% de mulheres eu acredito que o ganho do aluno seria maior, então eu sempre percebo o que soma não é a semelhança, o que soma é as diferenças...”

O professor, que considera que “a Matemática atraiu o homem para a sala de aula”, citou um exemplo de um professor que trabalhava de 1ª a 4ª série com crianças, cujos resultados positivos podiam ser percebidos quando os alunos eram promovidos para o nível de ensino seguinte.

Um das pessoas mais bem-sucedidas de 1º a 4º, eu acho fantástico o trabalho dele, porque as crianças que vinham dele, nas turmas que eu trabalhava na 5ª série, eram diferentes. Elas estudavam no pré, 1ª e 2ª série com outros professores e na 3ª e 4ª série estudavam com ele. Essas crianças eram diferentes, elas tinham um conceito de exatas diferente do que aqueles que vinham só da formação feminina, com mulheres (P3).

Ou seja, o trabalho desenvolvido pelas professoras pode ser positivo, mas não atende a todos os aspectos da formação da criança, como é o caso da área de Exatas. Tal situação pode ser, em parte, explicada porque o curso de Pedagogia é que forma o profissional polivalente para atuar nos níveis iniciais de ensino, e, como relatou o P3, que já atuou no referido curso, os próprios homens que optam por fazer Pedagogia escolhem porque não gostam da área de cálculo. “Porque o homem hoje que está optando por Pedagogia, o cara tem trauma em matemática, ele vai para a sala de aula também com grandes dificuldades.”

Isto não acontece somente com homens, pois boa parte das estudantes de Pedagogia também afirmam que não gostam ou pouco sabem sobre matemática. Apesar de estarem cientes de que são as pessoas formadas neste curso que vão atuar com alunos de 1º a 5º ano, e que, portanto, além de se apropriar dos conceitos, é preciso também saber como ensinar matemática. Quanto à presença de homens no magistério, o P4 também falou sobre a

necessidade de se ter as presenças femininas e masculinas, sendo ambos os gêneros importantes referenciais na educação.

Se não se desenvolver essa cultura da valorização do profissional masculino também dentro da área do magistério, o próprio aluno não vai visualizar, ele não vai ter uma referência, porque o professor dentro da sala de aula é um referencial. Então eu acho interessante que tenha o referencial masculino e feminino (P4).

O professor explicou que este referencial é importante em todos os níveis, mas entende que, na fase da adolescência, é que pode fazer toda a diferença. Seja no ensino médio ou até mesmo no ensino superior, a presença de homens professores pode, portanto, contribuir com a formação dos alunos.

Quanto aos relatos dos professores sobre a presença de homens no magistério, foi possível constatar que consideram importante ter os dois referenciais, ou ter um equilíbrio maior entre as presenças de ambos os gêneros. É certo que o P5 comentou que percebe ter maior número de “professoras maravilhosas”, mas reconheceu que também teve “professores ótimos, excelentes”.

O importante não é fazer comparativo, mas analisar as contribuições que tanto homens quanto mulheres podem oferecer à área da educação. E, considerando que existe o predomínio de mulheres, cabe analisar o que os entrevistados acham que é possível ser feito para aumentar a proporção de homens atuando no magistério. O P1 relatou: “Eu acho que para aumentar o número de homens no magistério, o 1º passo é tirar o mito de que o magistério é uma coisa feminina. O 2º passo de repente, é mostrar que não se ganha tão mal, que é uma profissão excelente.” O P3 afirmou: “Eu percebo o homem é mais acomodado, muito acomodado; ele prefere carregar tijolos, carregar areia durante o período inicial, do que ele ir para uma sala de aula fazer Pedagogia”. Também mencionou sobre a questão salarial, que não é o principal fator de não atrair os homens para a área da educação. Ele disse:

Salário, eu não vejo que é o salário porque um carregador de pedras ganha menos que um pedagogo, agora porque ele está carregando pedra? Está sendo um servente de pedreiro e assim por diante? Não é o salário, isso com certeza, não! Então por que o cara está ganhando menos do lado de fora e está desempregado? Agora falta a gente fazer algum trabalho que vai atrair ele para a escola. Somente assim nós teríamos esse homem trabalhando dentro de sala de aula (P3).

O professor faz menção aos homens que estão desempregados ou que atuam em áreas consideradas masculinas, as quais exigem menos qualificação e, como consequência, têm baixa remuneração. Mesmo assim aceitam esta condição ao invés de fazer a opção pela carreira do magistério. O P3 postula que, talvez, eles prefiram ficar na condição em que se

encontram devido à vergonha de começar a fazer um curso visto socialmente como feminino, como é o caso de Pedagogia. “Para ele ir para uma sala de aula fazer Pedagogia ele tem um pouco de vergonha, então a gente percebe entre os homens que chegam na Pedagogia, os primeiros dias eles ficam encolhidos, envergonhados...”

Sendo assim, o P3 opinou sobre o que considera ser necessário fazer para aumentar o número de homens atuando na educação. “Eu acho que a forma é realmente divulgar mais, por meio de imprensa e fazer um bom trabalho de divulgação para o homem.” Já o P4 ainda argumentou: “Eu ainda não vejo, a curto prazo, o magistério como carreira para homem.” Tal afirmação deve-se ao fato de que “o magistério superior, do público até o privado, está sendo atrativo para alguns como ‘bico’ e para outros como carreira”. Neste contexto, “ele vem como complementar, até porque no magistério existe essa fragmentação do horário que, às vezes, facilita trabalhar mais no período noturno [...] então está se tornando um turno extra e acaba sendo interessante para o homem.”

É interessante notar que, direta ou indiretamente, acaba aparecendo a questão salarial como sendo um dos fatores que atraem ou afastam os homens do magistério.

Às vezes nós nos questionamos: ‘Por que será então que os homens não são muito dados ao magistério? Será que eles não se sentem um pouco avexados de ser professores? Ou por quê? Será também por ser uma carreira um pouco mal resolvida em termos de salário, em termos de planos? Será que não é porque eles almejam algo melhor para seu futuro e não optam pelo magistério?’ (P5).

São tantas indagações sem nenhuma resposta que levam o professor a constatar que existem exemplos tão evidentes de que é possível, mesmo para os homens, ter uma excelente carreira na área da educação. “Eu conheço tantos colegas que, como professores, estão tão realizados, estão bem financeiramente, e por que então os outros não se interessam por esta área?”

Ele, que já trabalhou por longos anos em curso de formação de professores, constata que “os homens que vão fazer magistério é porque não têm outra opção”, mas, por outro lado, recorda que “parece que há muitos homens que se propõem de corpo e alma a fazerem curso de preparação para o magistério”. Ou seja, existem aqueles que fazem por falta de opção, mas há também aqueles que, além de fazerem a escolha pela área, investem em formação para se tornarem excelentes professores. Em relação a estes últimos, o P5 reflete que “talvez seja essa questão, que a sociedade ainda não valoriza como deveria valorizar o professor.”

Para finalizar esta análise inerente à educação e à gênero, especialmente em relação à presença de homens no magistério, não poderia deixar de mencionar que é importante haver

exemplos reais que sirvam de modelo para outros jovens estudantes. Para Bandura (1974), as pessoas não precisam, elas próprias, passarem por algum tipo de experiência para aprender, pois têm condições de assimilar e se apropriar dos conhecimentos adquiridos a partir das experiências de outras pessoas. São os modelos, bons e ruins, que são percebidos por outras pessoas, que se tornam referência tanto para ser seguido, no caso dos modelos positivos, quanto para não ser seguidos, no caso dos modelos negativos.

Desta forma, evidenciar os exemplos positivos é importante para que outras pessoas percebam situações positivas, que deram certo, e, na sua liberdade, possam escolher o que é melhor para si mesmas e para outras pessoas que fazem parte do seu grupo social.

No caso dos professores entrevistados, o P3 é um bom exemplo de que os modelos são importantes. Apesar de ter escolhido o magistério devido à queda da agricultura, ele poderia ter iniciado a carreira e não ter dado continuidade, como acontece com muitos que desistem da profissão docente. Ocorre, porém, que ele teve exemplos positivos que, segundo ele, serviram de estímulo para que continuasse atuando como professor. “Então eu tive total apoio em casa. Dentro da família a gente já tem vários professores, desde tios, uma irmã... esses tios também trabalharam na área de matemática...” Ele inclusive relatou que um dos tios é aposentado e está muito bem. Teve uma carreira de sucesso como professor.

Eu tenho um tio hoje de Toledo já aposentado que começou a atuar na educação infantil, depois passou para o ensino fundamental e ensino médio. [...] Então esse tio de Toledo que já é aposentado, mas dentro da educação, vive muito bem, porque ele construiu tudo o que tem hoje com educação (P3).

Ele concluiu que “O incentivo desse tio, que teve uma carreira bem-sucedida, acabou incentivando a gente também.” Ou seja, é importante haver modelos que deram certo, para que outros se sintam estimulados a também fazer o mesmo, sendo possível perceber claramente que é possível atingir os mesmos níveis que os outros conseguiram, ou até mesmo ultrapassá-los.

Diante disso, o presente trabalho, sendo posteriormente divulgado, poderá servir de referência para tantos homens que talvez tenham pensado em seguir esta área, mas que ainda estão presos a representações distorcidas. Poder mostrar que existem muitos homens que conseguiram sentir-se realizados, enquanto profissionais, atuando numa área na qual são ainda minorias, pode ser uma forma de incentivar tantos outros homens a também fazerem a opção pelo magistério.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos relatos dos professores entrevistados, foi possível constatar que trabalhar com criança é considerado difícil para a maioria, principalmente porque suas representações são semelhantes às que predominam na sociedade: ou seja, a mulher é que tem maiores habilidades para atuar profissionalmente na área da educação. Isto significa que cada vez mais terá menos homens atuando no magistério, visto que, segundo Oliveira e Werba (2003), as representações sociais têm a função de modelar o comportamento e de justificar a sua expressão. Neste processo, elas preparam a ação, conduzem o comportamento, modificam e reconstituem as condições do ambiente para que o comportamento se mantenha.

Mudar uma representação existente não é fácil porque, de acordo com Moscovici (1973), normalmente as pessoas têm dificuldade de incorporar novas formas de representações sociais e, portanto de comportamento. Caso seja necessário efetivar uma nova ideia como modelo que deve ser adotado pelas pessoas, é preciso partir de situações prévias que já são aceitas para que outras ideias sejam incorporadas.

Assim, entendo que é importante destacar as ideias do P3 sobre as habilidades masculinas para educar as crianças, principalmente para ensinar os meninos que vão para as escolas e se deparam com um universo predominantemente feminino.

Em nossa sociedade brasileira, ainda predomina a figura materna como sendo a principal educadora dos filhos, e como consequência se atribui à mulher maiores condições para desenvolver o trabalho docente. A verdade é que este quadro vem mudando gradativamente, passando a ser entendido que tanto o pai quanto a mãe têm responsabilidades na educação dos filhos. Talvez na escola esta perspectiva também mude, no sentido de perceber que os homens possuem várias habilidades que são relevantes para a educação dos alunos, principalmente dos meninos.

É importante mudar as representações de que, na escola, as mulheres é que têm maiores condições de educar as crianças e reconhecer as habilidades masculinas que podem contribuir com o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos. E dessa forma, haver um incentivo para que mais homens optem pela profissão docente, contribuindo com o processo de formação das novas gerações, não deixando que esta função de grande relevância social, seja assumida somente, ou na maioria das vezes, pelo público feminino.

REFERÊNCIAS

ALVES, N. N. L. Amor à profissão, dedicação e o resto se aprende: significados da docência em educação infantil na ambiguidade entre a vocação e a profissionalização. 29ª Reunião anual da ANPED, **Anais...**, Caxambu-MG, ANPED, 2006.

ARAÚJO, M. P.; HAMMES, C. C. Androfobia na Educação Infantil. **Interfaces da Educação**. Paranaíba, v. 3, n. 7, p. 5-20, 2012.

BANDURA, A. **Aprendizaje social y desarrollo de la personalidad**. Madrid: Alianza, (1974).

CARVALHO, C. V. Concepção de infância: um breve resgate histórico. In CARVALHO, C. V.; COSTA, P. J.; (Orgs.). **O bebê, a afetividade e a motricidade: do pré-natal aos 2 anos**. Maringá: Dental Press Editora, 2011, p. 17-22.

CARVALHO, M. P. **Vozes masculinas numa profissão feminina**. Disponível em: <http://biotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lasa98/PintodeCarvalho.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2018.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar.**, v 24, p. 213-225, 2004.

HYPÓLITO, A. L. M. **Trabalho docente, classe social e relações de gênero**. Coleção Magistério, Formação e Trabalho Pedagógico. Campinas, SP: Papirus, 1997.

JODELET, D. Représentations sociales: un domaine en expansion. In: JODELET, D (Org.). **Les représentations sociales**. Paris: PUF, 1989, p. 31-61.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MOSCOVICI, S. **A social psychological analysis**. London: Academic Press, 1973.

OLIVEIRA, F. O.; WERBA, G. C. Representações sociais. In OLIVEIRA, F. (Org.). **Psicologia social contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 104-117.

RAMOS, J. **Um estudo sobre os professores homens da educação infantil e as relações de gênero na rede municipal de Belo Horizonte – MG**. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Educação. Belo Horizonte, 2011.